



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ENOBRECIMENTO LITORÂNEO: O LUGAR DE UMA CULTURA DE ORLA

Simone de Araujo Pereira

Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia/UFS

simonearaujjo@gmail.com

A diversidade arquitetônica e a aparente complexidade de usos da Orla de Atalaia¹ demonstraram-se desde início instigante a uma pesquisa no âmbito da teoria urbana, ainda mais nos fluxos (para não dizer recortes) analíticos contemporâneos desta disciplina. Contudo, breves incursões etnográficas revelaram uma aparente esquizofasia, em uma fala confusa, fragmentada e incompreensível, aqui a fala sobressai aos olhos, que pouco me fazia entender esse ambiente.

É a partir do caminhar, dos passos, assim como inicia Michel de Certeau sua história sobre “A Fala dos Passos Perdidos” que me deixo ouvir a Orla. Passos esses que não se pode contar, pois “cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão tátil de apreensão cinésica” (CERTEAU, 2000, p. 176). A interpretação do ato de caminhar é o instrumento metodológico utilizado na percepção da Orla, cujos “jogos dos passos moldam o espaços [...] tecem os lugares” (Ibid., p.160).

O caminhar em espaços da cidade tem uma função “anunciativa” do sistema urbano, em uma possibilidade tríplice de compreensão, sendo elas: a “*apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre”; “a realização espacial do lugar”; e, a “relação entre posições diferenciadas [...] ‘contratos’ pragmáticos sob a forma de movimento” (Ibid., p. 177).

Assim, ponho-me também a caminhar, juntamente com os demais pedestre que trafegam pela Orla Marítima, sempre a observar sua relação com o espaço. Inicialmente, a arquitetura avulta à paisagem, que ora me remetia a filmes californianos que têm como pano de fundo as praias, ora me rendia ao litoral do nordeste brasileiro pela estrutura de alguns bares e dos pequenos chuveiros para banho. Os usos, ao contrário, pouco ou nada me diziam quando observados em sua totalidade, a tentativa de convergir a um uso geral foi sendo aniquilada a cada passo.

¹ Localizada no Bairro Atalaia da Cidade de Aracaju, Estado de Sergipe.

Um dos primeiros questionamentos que surgiu foi exatamente como “olhar” a Orla. Uma das possíveis respostas perpassava pela fragmentação da mesma, seria necessário então compreender partes distintas da Orla e posteriormente compô-las em sua totalidade.

A partir deste entendimento montei um plano mental fragmentado de toda extensão construída, denominada, “Orla de Atalaia”, considerando algumas justificativas extraídas das pesquisas realizadas sobre o processo de formação desse espaço, inclusive de entrevistas com arquitetos responsáveis pelo projeto.

O primeiro espaço a ser analisado seria a “Praça dos Arcos”, não apenas por ter sido este o primeiro espaço a ser construído. Mas, também, pelos objetivos de sua construção, apresentados pelo projetista. Segundo Eduardo Carlomagno², a construção dos Arcos tinha *a priori* três objetivos: demarcar um momento de mudança, de uma nova orla, seria um marco entre o passado e o presente; constituir um símbolo para a cidade, algo que entendia não haver, ainda, na cidade de Aracaju; e, por último, a construção de um espaço democrático, “algo simbólico que significaria a democratização do espaço público [...] seria uma espécie de púlpito, onde as pessoas, sindicalistas, artistas pudessem expressar-se um espaço popular que qualquer um teria acesso” (CARLOMAGNO, 2010)

A partir desta praça, mapeei a orla em 4 cenário distintos, um que compreendia esta praça, considerando que a mesma não se localiza nem no fim nem no início da Orla, ao sul teria mais um espaço e ao norte mais dois. Além dessa divisão, pensei ainda em uma divisão temporal, então seguiria à determinados cenários em horários diferentes, desta vez, o critério considerado foi o fluxo de pessoas.

Em uma visita em toda extensão da Orla, fiz a seguinte distribuição: Cenário I, 8h de domingos; Cenário II, 13h de sábados; Cenário III, 11h de sextas; Cenário IV, 19h de sábados. Ademais, em horários de menor fluxo em todos os blocos observando as dinâmicas.

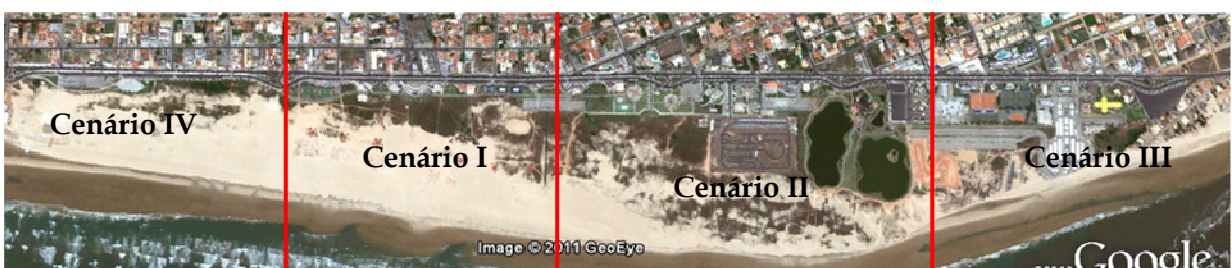


Figura 1 - Visão geral da Orla de Atalaia. Autor: Desconhecido. Fonte: www.google.com.br/maps.

E, assim, segui a uma descrição. Da “Praça dos Arcos” da Orla, ou simplesmente dos “Arcos da Orla”, a partir das 8h de um domingo – Cenário I, observei os usos em sua recorrência. Predominantemente utilizada por banhistas que seguem à praia, após o desembarque do transporte público urbano do “Terminal Rodoviário Integrado” localizado atrás da Avenida Santos Dumont³, cuja rua de acesso à Orla direciona à Praça dos Arcos.

Este espaço facilmente poderia ser denominado como um “lugar de passagem” (ARANTES, 1997), um lugar de fluxos, considerando que pouco se permanece nesse local, cuja maioria das pessoas que o utilizam segue por uma passarela de madeira até a praia, poucos param a espera de um conhecido, ou para adquirir bronzeadores nos vendedores ambulantes, que apesar de ficarem mais tempo que os passantes, não tem autorização para o comércio neste local, sendo logo convidados a sair do local pela Superintendência da Orla Marítima de Aracaju (Superoma)⁴.



Figura 2 – Aproximação do Cenário I. Autor: Desconhecido. Fonte: www.google.com.br/maps.

³ Avenida paralela à Orla de Atalaia.

⁴ Na Praça dos Arcos há em seus limites dois prédios da Empresa Sergipana de Turismo, sendo um utilizado para informações turísticas e outro com o escritório da Superoma.

As pessoas que transitam neste local vestem geralmente shorts ou saias e blusas, sobreposto às roupas de banho – biquínis e maiôs. O fluxo é bem direcionado, chegam através da Avenida Santos Dumont, vindos do Terminal ou pela diagonal direita seguindo do ponto de ônibus.

Dessa forma a análise parecia contemplar meu objetivo de compreender as sociabilidades estabelecidas em Zonas Litorâneas Enobrecidas, ou seja, processos de *Gentrification* enquanto “formas de empreendimentos econômicos que elegem certos espaços da cidade como centralidades e os transformam em áreas de investimento público e privado” (LEITE, 2007, p. 61),



Figura 3 - Caminhantes pela Praça dos Arcos.
Autor: Foto da autora. Fonte: Arquivo Pessoal.

especificamente neste trabalho em uma zona litorânea. Que, demonstra-se um tecido urbano fragmentado, “um ‘palimpsesto’ de formas passadas superpostas umas as outras e uma ‘colagem’ de usos correntes, muito dos quais podem se efêmeros” (HARVEY, 1992, p. 69).

Este é um espaço voltado ao turismo, segundo o RAS⁵ (2003) seria “um importante passo para o desenvolvimento turístico sustentável da Cidade de Aracaju, visando atender o turismo interno e o externo”.

O relatório descreve ainda que o governo acompanhava e interessava-se pelas pesquisas relacionadas ao desenvolvimento turístico e reconhecia o aumento do número de turistas que procuram áreas naturais, principalmente as praias, o que garantiria o sucesso dos investimentos, e colocaria Sergipe diante da “crescente indústria do turismo, uma das maiores atividades econômicas do mundo” (RAS, 200). A justificativa exposta para à intervenção é sustentada pela necessidade de criação de novos empregos e pela intenção de transformar a Orla em um dos principais atrativos turísticos de Sergipe.

⁵ Relatório Ambiental Simplificado foi finalizado em 2003, após o final do ultima etapa de construção da Orla de Atalaia.



Este espaço vem sendo submetido ao longo de 20 anos, desde a primeira intervenção, que culminou na última configuração, a um extenso processo de modificações, objetivando o sucesso do empreendimento, que para tal deveria comportar vários serviços, sendo eles:

- Meios de hospedagem: hotéis, pousadas, hospedarias, ...;
- Entretenimento: clubes, parques de diversões, quadras esportivas, feiras de artesanato, praças, jardins, forró-dramas, boates, discotecas, ...;
- Alimentação: restaurantes, cafés, bares, lanchonetes, sorveterias, cervejarias, ...;
- Serviços: operadoras turísticas, agências de viagem, bancos 24 horas, centros comerciais, centros de informações turísticas, ...;
- Sistemas de transporte;
- Unidades de segurança: móveis e fixas (proteção à população e aos turistas) (RAS, 2003)

Atualmente a orla comporta uma gama de equipamentos públicos e serviços, que supera a ideia inicial, disponibilizando muito mais serviços do que os propostos inicialmente, na Orla é possível contemplar lagoas, guiar um kart, almoçar, ir ao banco, jogar futebol, vôlei, basquete, apenas caminhar, guiar uma bicicleta, saborear comidas típicas, conhecer e comprar peças artesanais, andar de skate, patins, entre outras.

Assim, a angústia latente aflorasse a cada olhar aos outros cenários, cuja vista não alcançava o fim dos 9 quilômetros de extensão da Orla.

Após perceber uma ordenação dos fluxos, que pressupõe “estruturas mentais” direcionadas ao uso da Orla, que por vezes revelavam ter uma influência direta à estrutura física montada, derivadas de um conjunto de relações históricas, condicionada e condicionante (BOURDEU, 1983), direciono o olhar para as arestas que se apresentam de forma angulosa, ou seja, desagradáveis ao meu olhar, que por ora percebia as regularidades.

Então, não é possível mais identificar de onde vêm as pessoas, algumas, percebi, saíam de carros ao longe, exatamente na praça não há estacionamento, mas logo após, sim; outros seguem dos hotéis e pousadas que margeiam a Orla; ou ainda, saindo de ruas outras que dão acesso a Orla, que sugerem ser moradores do Bairro Atalaia.

A partir desse momento começam a surgir questionamentos, sobre tais pessoas e dos motivos que as levam a estar na Orla. O acesso a praia pela passarela de madeira, o ir à praia, já se exauriu enquanto percepção explicativa desses usos, algumas pessoas parecem apenas caminhar pela calçada que compõe o cenário da Orla, enquanto o “fazer uma caminhada” esportiva. Outras, simplesmente seguem de forma contemplativa, vestidos de calça, contrapondo a regularidade inicial, pelo menos neste espaço, dos shorts e saias, enquanto que outras não perdem o registro fotográfico aos pés dos Arcos. Passam ainda



os ciclistas, os carrinhos de bebês, o malabarista que tenta conseguir dinheiro dos “estranhos” com sua performance, o pedinte, o menino que vende doce, o surfista, entre outros. Poderia apresentar muitos outros além do banhista que passa pelos arcos, mas já é possível demonstrar a complexidade da análise, junte-se a isto, às desordens do fluxo, que embora predominantemente paralelo, transforma-se em diagonal, transversal, perpendicular, trafegando-se em vários sentidos e ainda pelos mais variados motivos.

Figura 4 - Caminhantes passando pela Praça dos Arcos
Foto da autora. Fonte: Arquivo Pessoal.

Sigo então ao próximo cenário a norte, apenas como a ultima tentativa de uma fala mais linear, que possibilitasse a compreensão da Orla, mas certa de encontrar uma dinâmica diversa da verificada na Praça dos Arcos.

Não demorou muito para encontrar um “espaço liminar”, cuja localização entrecruza “fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou [...] ordenam as categorias e os grupos sociais nas suas múltiplas relações” (ARANTES, 1997, p. 260), formando o que o autor chama de territorialidades inter-relacionadas na composição do “lugar público”.

Este é um espaço entre o cenário I e o II. Ao final do cenário I há um quiosque que comercializa água de coco, bem como a



Figura 5 – Espaço freqüentado por surfistas.
Autor: Foto da autora. Fonte: Arquivo Pessoal.

disponibilidade de um banho em chuveiro, ao preço de R\$ 0,50, cujos usuários são predominantemente surfistas que acessam a praia a partir desse espaço. Alguns elementos parecem favorecer este público a esta localização, tais como, o chuveiro com água doce, um amplo estacionamento – a maioria chega de carro e uma passarela, entre as 6 de toda a extensão da Orla, que facilita o acesso a praia.

No início do cenário II encontra-se um restaurante que comercializa massas, diz-se italiano, que além de climatizado, oferece aos clientes um deck, no primeiro andar. O estacionamento utilizado pelos surfistas também serve aos clientes do restaurante, mesmo que os veículos sejam estacionados na direção do espaço utilizados. Este estacionamento fica em uma segunda dimensão da Orla, entre todas as divisões apresentadas, ainda é possível falar em dimensões.

Uma primeira, que compreende o calçadão, restaurantes e bares, bancos e quadras voltados para a Avenida Santos Dumont. Uma segunda, composta por pista para ciclistas, estacionamentos, mesas, espaços de convivência, pista de skate, entre outros. E, por último, uma terceira dimensão, que compreende bancos voltados para a praia, caramanchão, passarelas de acesso a orla, entre outros variados equipamentos, como o kartódromo.

Figura 6 - Início do cenário II, restaurante. Autor: Foto da autora. Fonte: Arquivo Pessoal.

Entre o espaço utilizado pelos surfistas e os usuários do restaurante, encontra-se o que compreendo como um espaço liminar (ARANTES, 1997), as relações estabelecidas confluem estilos diferentes, que entre seus diversos passos jogam e moldam o espaço a cada instante (CERTEAU, 2000).

Além, das características desse espaço denominado “Monumento aos Formadores da Nacionalidade” e os mais variados usos estimulados pelo que mais parece ser um cenário fotográfico. E, além desses, os passos se multiplicam entre os guardadores de carros, os vendedores ambulantes, ciclistas, pessoas que caminham



Figura 7 – Monumento pela Nacionalidade. Autor: Foto da autora. Fonte: Arquivo Pessoal.



com animais, entre outros. Mais uma vez, a fala que ecoa da Orla Marítima, que parecia estabelecer-se inteligível, distorce, e volto ao ponto inicial.

Apesar da dificuldade de compreender a Orla em sua totalidade, agora também de forma fragmentada, retomo a empreitada inicial de antes perceber-la em sua sistemática total, e posteriormente seguir às partes em suas peculiaridades, entendendo nuances dos passos que a configura.

Diferentemente das primeiras reflexões sobre como olhar a Orla, agora alguns pressupostos gerais que compõem este espaço passa a ser estabelecido no sentido de subsidiar um direcionamento teórico que permita tornar o objeto em análise compreensível. Lista-se a partir das primeiras turbulências das falas, elementos cujas características parecem estabelecerem-se em qualquer circunstância, sendo eles: o consumo, seja ele simbólico ou direto; a diversidade como algo inerente ao cotidiano da Orla; e, itinerários que vezes seguem a arquitetura proposta, vezes subvertem tais possibilidades.

E, ainda, compreendido além das estruturas mentais - estabelecidas não apenas no espaço como no tempo, a partir das características da “anúnciação pedestre” enquanto expressão do presente, do descontínuo e do fático (CERTEAU, 2000), situando-se muito além de pré-noções estruturantes que garantiria evidências no uso cotidiano da Orla.

Assim, passo a perceber a Orla como um “rizoma”, um sistema aberto que “não começa nem conclui, [que] se encontra sempre no meio [...] é aliança, unicamente aliança” (DELEUZE; GUATTARI, 2000a, p. 36). A partir de então, a compreensão da Orla enquanto o lugar de uma Cultura de Orla começa a se configurar.

Partindo da noção de lugar apresentada por Leite, enquanto “demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos usos os qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento” (2007, p. 35), percebo a Orla primeiramente como um lugar, que se fragmenta em lugares, não-lugares, lugares de passagem (LEITE, 2007; AUGÉ, 1994, ARANTES, 1997), que gerencia um sentido amplo e comum de pertencimento, espectro, que dilui-se na noção dos passos que por ali trafegam no entendimento de ser este um lugar que se pode usar, mesmo que nem todos os lugares, mas em muitos deles,



dependendo e muito da ação deliberada do agente, até mesmo em um contra-uso (LEITE, 2007)

Assim, a orla demonstra-se em uma demarcação física e simbólica, cujas práticas revelam um conjunto de agenciamentos, antes territórios,

“feitos de fragmentos descodificados de todo tipo, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir desse momento um valor de ‘propriedade’ [...] o território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos” (DELEUZE; GUATTARI, 2000b, 196).

Os passos que pressupõe em alguns momentos um espaço voltado à práticas de uma cultura urbana, cujas práticas revelam um caminhar em saltos, num conjunto de vestimenta que contrasta com o ir a praia, e em outros apresenta-se com chinelos que caminham a passos lentos a um banho de mar, compondo uma vestidura despojada e praieira, e que perdurou a obscuridade da inteligibilidade do espaço, clareia-se a luz dos fluxos, das raízes rizomáticas que pouco se mostram, mas que muito pode se saber.

A posição de “limite” em que a Orla se apresenta entre uma Cultura Urbana e uma Cultura de Praia, conserva à Orla Marítima o sentido de aliança na medida em que permite a fluência de sentidos opostos. E, forjado a denominação espacial “Orla de Atalaia”, cujas práticas cotidianas revelam outro modo de estar à margem da cidade, nos permite pensar a Orla enquanto um espaço relacional, independente, que congrega elementos de ambas as culturas, na medida em que se estabelece enquanto uma cultura específica, capaz de auto-gerir suas práticas e comportar a diversidade da multiplicidade das culturas urbanas e de praia. Sendo esta, pois, uma Cultura de Orla fluída e permissiva em suas confluências culturais, cuja delimitação de ambas torna-se ininteligível na medida em que comporta os princípios característicos de um rizoma.

A noção de Cultura de Urbana compreende o entendimento dos traços considerados principais por Simmel na composição dessa experiência metropolitana, entre eles o intelectualismo, sendo o sujeito obrigado a agir de forma racional em detrimento das emoções; a reservar-se intelectualmente, criando distanciamentos do cotidiano; e, a apresentação de um espírito calculista e pragmático; e, por ultimo, sustentar a atitude blasé (SIMMEL, 1997).

Contrário a esta noção segue o entendimento sobre Cultura de Praia, momento em que os traços da vida urbana, em suas devidas adequações à metrópole de



Simmel, podem ser substituídos por uma oposição ao intelectualismo, a reserva mental e mesmo à atitude blasé. Isso, ao considerar a ação deliberada do estar na praia, é um momento em que o cotidiano expressa-se no contato com o outro, não se entende ir a praia e encontrar-se sozinho, além das imagens impostas neste espaço serem reduzidas, comparadas à cidade. A experiência de ir a praia parece ser compartilhada por muitos, ao menos compreendida, que pode ser repetida em toda extensão do litoral brasileiro, o sentido pouco se altera, contrapondo às experiências urbanas, que pouco se parecem.

Uma Cultura de Orla contempla primeiramente o princípio da conexão e da heterogeneidade, qualquer ponto da Orla pode ser conectado a qualquer outro, seja no sentido de pertencimento comum, mas amplo do que a noção de lugar praticado, ou dos passos que transitam em toda extensão.

Segundo, conserva o princípio da multiplicidade, momento em que uma caracterização da Orla enquanto múltipla, torna-se substantivo, a multiplicidade se define “pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectar às outras” (DELEUZE; GUATTARI, 2000a, 16) .

E, por último, o princípio da ruptura a-significante, a constituição de uma relação complexa entre usos e agenciamentos, contra a demasia dos cortes que atravessam as estruturas (DELEUZE; GUATTARI, 2000a), “compreende linhas de segmentaridade segundo as quais [...] é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele [rizoma] foge sem parar” (Ibid., p.17).

Conceituar a orla designaria uma ideia cujo entendimento remeteria a caracterização do usuário, assim, delimito-me a classificá-la como um rizoma uma vez que a multiplicidade de acontecimentos repetidos, ou não, se esvairiam diante de uma categoria analítica, deixando as práticas em espaços “Lisos” ou “estriados” abertas aos seus próprios fluxos.



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antonio. **A Guerra dos Lugares: fronteiras simbólicas e liminaridade no espaço urbano de São Paulo**. In: Fortuna, Carlos (org) Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora, 1997.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, Papirus.1994.

BENJAMIN, Walter. **Paris, capital do século XIX**. In: Fortuna, C. (org). Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: arte de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. São Paulo, 2000a.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

12

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 2. São Paulo, 2000b.

HARVEY, David. O Pós-modernismo na cidade: arquitetura e projeto urbano. In: _____. **A Condição Pós-moderna.** São Paulo, Ed. Loyola, 1992.

LEITE, Rogério. **Contra-usos da Cidade.** Campinas/São Cristóvão, Ed. UNICAMP/Ed.UFS, 2ª Ed. 2007.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida do espírito.** In: Fortuna, C. (org). Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de sociologia. Oeiras, Celta Editora, 1997.

ENTREVISTAS

Arquiteto **Eduardo Carlomagno:** Em 16/04/2010